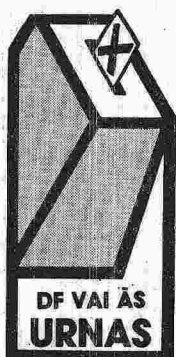


Debate na TV esquentada corrida ao GDF

Arnildo Schulz



Pela primeira vez em seus 30 anos de existência, Brasília assistiu ontem ao primeiro debate entre cinco dos seis candidatos que disputam, pelo voto direto, o Governo do Distrito Federal. O ex-governador Joaquim Roriz, líder nas pesquisas, não compareceu. Participaram do debate, que foi o primeiro realizado no Brasil nas eleições 90, Elmo Serejo (PL), Maurício Corrêa (PDT), Adolfo Lopes (PT do B), Saraiva e Saraiva (PT) e Carlos Magno (PMN). Patrocinado pelo Jornal de Brasília e TV Capital, o programa

começou às 22h42 com perguntas da produção sobre habitação, transporte e desemprego, num bloco dividido em três partes. No segundo bloco, os candidatos responderam perguntas livres dos jornalistas com dois minutos para resposta. No caso de um candidato ser citado, teria um minuto para réplica, sem tréplica. No terceiro bloco, os candidatos fizeram perguntas entre si com o comentário de um terceiro. Depois a palavra voltava ao candidato que fez a pergunta para um comentário final. O quarto e último bloco terminou aos 55 minutos de hoje e foi reservado às considerações finais dos cinco candidatos. A ausência do ex-governador Joaquim Roriz foi bastante explorada, principalmente pelo candidato do PDT, Maurício Corrêa, o segundo colocado nas pesquisas. O debate transcorreu num clima ameno, sem farpas entre os candidatos, com exceção das críticas a Elmo Serejo, que também já governou Brasília, por ele ter voltado apenas para disputar eleição já que, ao sair do GDF ele deixou Brasília. Mas foi um momento histórico para Brasília que, aos 30 anos, escolhe pela primeira vez o seu governador. Um novo debate deverá ser realizado no dia 6 de agosto, mas desde ontem Brasília entrou definitivamente na campanha eleitoral. A eleição no DF esquentou.



O primeiro debate entre os candidatos ao GDF foi marcado pela cordialidade. Apenas Roriz, líder nas pesquisas, não compareceu

DESEMPREGO

Em termos proporcionais Brasília é a cidade que mais vai sofrer com o desemprego no serviço público, que, ao que parece, vai se agravar no próximo ano. O que o senhor pretende fazer?

Elmo Serejo — Já no período 74-78, quando governei esta unidade, me deparei com problema do desemprego no Distrito Federal, quando criei pequena área em Ceilândia para absorção de mão-de-obra. Hoje, a construção civil se encontra desestimulada. Pretendemos intensificar o setor rural; teremos a médio e longo prazo projetos para instalação de indústrias não poluentes mais próximas das cidades-satélites. Ao lado disso vamos implementar escolas de aprendizagem. Quanto ao problema dos funcionários públicos, terão que partir para a atividade privada.

Adolfo Lopes — A cidade não vai sofrer. Já está sofrendo de maneira torturante. Em todos os cantos é um lamento só. Brasília não estava preparada para o que estamos assistindo: Até mulheres grávidas estão sendo demitidas. E o GDF já começa a copiar.

Carlos Magno — A primeira coisa a fazer é a demissão do João

Santaana (Secretário da Administração). A lei estabelece que tem que ser administrador para a sua função, e o presidente Collor precisa ser avisado que de caçador de marajás se transformou em caçador de barnabés. A solução é agravar com mutirão e fazer com que as pessoas sejam encaminhadas para a industrialização.

Calos Saraiva — Eu quero lamentar a ausência de um candidato (Joaquim Roriz), numa agressão à população de Brasília. Como solução de urgência é necessário que a mão-de-obra seja captada de forma objetiva. Executar escolas com a universidade e pequenos empresários que descentralizem a mão-de-obra, com incentivos fiscais a micro-empresa. Dar condições para que os companheiros do campo possam ser absorvidos em cooperativas.

Maurício Corrêa — Primeiro eu lamento esta cadeira vazia (a do candidato Joaquim Roriz). O candidato do presidente Collor se nega a prestar contas à população sobre seus programas. O próprio Sine já anunciou que mais de 200 mil pessoas ficarão sem emprego. Os funcionários viraram os vilões do Plano Collor. Se a moça é bonita, fica. Se é feia, sai. Incentivar o setor público para que aplique em saneamento, por exemplo. Incentivar o Proim, em padrões práticos sem que ofenda o meio ambiente.

TRANSPORTE

Um dos problemas mais tradicionais em Brasília é o transporte urbano. Faltam ônibus, o que obriga não raras vezes o trabalhador a chegar atrasado ao emprego. As tarifas são as mais altas do País. Além disso, quem trabalha à noite tem sérias dificuldades em retornar para casa. O que o senhor pensa do transporte de massa em Brasília? Há uma generalização quanto à má qualidade do serviço? Ele vai bem? O que falta e como pode ser resolvido?

Maurício Corrêa: uma das grandes desgraças da Capital da República é o cartel que explora o transporte coletivo. É preciso modificar os critérios de concessões. O curral de Taguatinga é outra desgraça. O Caixa Único não atende aos objetivos para os quais foi criado. As alternativas são o aproveitamento da estrada de ferro que vem de Minas Gerais e passa por Goiás e poderia ser utilizada por toda a população que mora nas redondezas de Luziânia. O metrô de superfície custa 70 milhões de dólares por quilômetro e ficaria muito caro. Por isso outra solução é a utilização de ônibus, com faixas definidas e abertura de concessão para outras empresas com maior benefício para o povo. O metrô leve também poderia ser usado, com a adoção de tecnologia nacional — em Porto Alegre pôde ser feita —, já que os preços do Japão são exorbitantes.

Adolfo Lopes — A situação do transporte é realmente caótica. Todos reclamam. Todos sofrem quando faz sol ou quando faz chuva. Essa situação não pode continuar. Um oligopólio domina o setor em Brasília. Apenas três criaturas são donas do setor. E preciso democratizar o setor. É isso que nós vamos fazer. Os bolsões sem planejamento somente contribuem para piorar a situação. É um crime organizar favelas sem que as pessoas tenham transporte. A velha TCB também precisa ser recuperada. Os

veículos leves sobre trilhos também podem ser uma solução para baratear o transporte.

Carlos Saraiva — A situação do transporte em Brasília é mais um resultado de um crime do cartel que explora o setor. Um cartel que conseguiu sucatar a TCB, tirando-lhe as linhas mais rentáveis. A TCB, que em 75 recebeu o título de empresa pública padrão. A solução é melhorar o transporte integrado, com a criação de vias especiais e criação de outro terminal que não a Rodoviária. A gratuidade também não pode ser repassada para o sistema. A implantação do escalonamento de horários vai otimizar o custo e contribuir para baratear a passagem, que hoje absorve 40% do salário do trabalhador. O veículo leve sobre trilhos é uma solução para o futuro, para daqui a quatro ou cinco anos. O metrô de superfície é inviável e servirá para retirar recursos dos setores da educação e saúde. O Caixa Único deve ser revisto, para atender aos seus objetivos.

Elmo Serejo — O transporte coletivo no DF é péssimo, como em todas as capitais do País. Em 78, quando deixei o Governo, a frota de ônibus era de 1 mil 408 veículos e havia construído a via Estrutural, de trânsito rápido, para escoar o movimento de carros em direção a Taguatinga. O que falta no DF é um Plano Diretor, capaz de racionalizar o crescimento do DF. Com o crescimento irracional não poderemos ter uma boa estrutura de transporte de massa. Também é preciso rearmar a frota existente e explodir o Caixa Único. Devemos abrir novas concessões.

Carlos Magno — Os governos de fora nos fizeram pensar pequeninho. Brasília é uma vitrine para o mundo e ônibus não é transporte de massa. O Plano Piloto é uma região administrativa e não pode receber todo o fluxo de trabalhadores. Por isso a primeira solução é industrializar as regiões do entorno das satélites. Outro problema é o curral de Taguatinga. As pessoas vêm confortavelmente sentadas até o curral e lá têm que esperar até 30 minutos para pegar outro ônibus, nem sempre com o mesmo conforto. A solução é o metrô subterrâneo.

HABITAÇÃO

A habitação é um dos problemas no DF. Os preços dos imóveis são exorbitantes, os mais altos do País. O que os senhores pretendem fazer?

Carlos Saraiva — Bem há 30 anos continua a inversão urbana na cidade: milhares de pessoas são jogadas para fora do Plano. O crime se cometeu na criação dos assentamentos pelo ex-governador, infelizmente ausente, só reforçou isto. E preciso voltar à lógica urbana inicial de fixar o homem em seu local. E preciso um programa de urbanizações das favelas com toda a infraestrutura necessária sem provocar impactos ambientais. Conciliar e promover o acesso à saúde, habitação, educação, trabalho e transporte sem expulsar a pessoa. A especulação financeira tem lucrado com estes afastamento da população para a periferia. Por exemplo: a favela do Ceub foi erradicada e a área já tem o interesse do empresário Paulo Octávio. Combateremos esta herança maldita com a infraestrutura que dê dignidade.

Adolfo Lopes — O PT do B vai eliminar a palavra assentamento. Esta política que serviu para simular a incompetência. O cidadão que bastava ser eleitor era pego a laço na Rodoviária e às vezes seguia sua casa antes de quem, já estava na cidade. Os alugueiros despejam milhares para a periferia. As áreas que são valorizadas, como a do Jôquei (onde cabe mais um Guará), são dadas e depois feitas tentativas para tomá-las. E preciso um programa habitacional coordenado com toda infraestrutura. É injusto e demagógico expor crianças levando lama e poeira na cara.

Elmo Serejo — Construí 44 mil unidades entregues à Shis para serem distribuídas, justamente, por classificação. A Terracap deverá liberar áreas somente com infraestrutura adequada e esta política servirá para absorver a mão-de-obra e eliminar o desemprego. A Shis terá que voltar à sua tradicional política, construindo para a população de baixa-renda. Novas áreas para o empresariado também servirão para moradias de boa qualidade. A crise da habitação é difícil no País todo.

Maurício Corrêa — A política do ex-governador Roriz foi desastrosa para o setor. Este setor Sudoeste é um projeto demagógico. A Shis deveria se voltar não só para a construção de moradias dignas para baixa renda, como apartamentos para a classe média pelo incentivo ao cooperativismo. Os terrenos da cidade são propriedades de uma hegemonia. Tive problemas recentemente para achar um lugar para o meu comitê: tudo pertencia ao mesmo grupo de Paulo Octávio, Luiz Estevão etc. Uma hegemonia. É preciso incentivar o micro-empresário e o associativismo. As licitações dizem, e é verdade, são feitas corretamente. Mas quem armata é o mesmo grupo.

Carlos Magno — É preciso lembrar que na história de Brasília a primeira questão foi a do esgoto e da água: o saneamento básico. Hoje, existem os biodigestores que aqui não foram usados. E que não há condição de habitação sem saneamento básico. E a cidade, o próprio Plano Piloto ainda tem 43% de suas áreas a serem concluídas. E ver que habitantes da periferia são seres dignos e isto começa pelo saneamento. É aí que começa a saúde. E trabalhar com as agrovilas e os mutirões, as fábricas comunitárias nas condições básicas.

Dos jornalistas para os candidatos

Adão Oliveira (TV Capital) — A Polícia Militar tem hoje efetivo de nove mil homens para atender ao Plano Piloto, cidades-satélites, escolas e embaixadas. Os assaltos são cada vez mais frequentes. Os seqüestros, tão em moda, poderão chegar aqui. A população está intranquila. O que o senhor faria para resolver?

Elmo Serejo — Esta tarefa não é fácil, mas a segurança é dever do Estado e, se eleito, darei atenção especial para a segurança. Aqui residem o presidente da República, autoridades e embaixadores. Vamos olhar permanentemente para a segurança. Equipar a Polícia Militar e a Polícia Civil com armamentos modernos para policiamento ostensivo para evitar problemas futuros. O governo há de encontrar meios para cumprir o seu dever.

Edgar Lisboa (Jornal de Brasília) — A velha afirmação de que o melhor local para um paciente em Brasília é o aeroporto está hoje ultrapassada. Até a Rodoviária e a Rodoviária estão hoje transportando os doentes mais carentes

para Goiânia. Objetivamente, o que o senhor pretende fazer para que o DF tenha um setor de saúde eficiente?

Adolfo Lopes — A saúde vem recebendo os próprios hospitais para tratamento, como no caso do Hospital de Taguatinga, que não suportou a demanda. Sob pena de continuar morrendo menino por falta de soro antiofídico, o aparelho tem ser repensado, inclusive com os próprios médicos. Nós defendemos o equipamento móvel para ir aos bolsões de pobreza três vezes por semana, para tratamento preventivo. É claro que muita gente continuará indo para fora por falta de gerenciamento.

Carlos Müller (Jornal de Brasília) — O que o senhor fará para fortalecer o seu partido no DF?

Carlos Magno — O PMN deveria ser mundial. O brasileiro se mobiliza para tudo, como é o caso do futebol. Queremos ter aqui o privilégio para que o terceiro mundo reaja. Vamos fazer com que o PMN ajude a criar consciência política, para mostrar que Brasília é

dos pioneiros, dos seus habitantes permanentes.

Katerine Stefanescu (TV Capital) — O problema das invasões já é crônico em Brasília. Não só no caso das favelas mas também os não-descamisados do Lago Norte. O que o senhor fará... na área de saneamento?

Maurício Corrêa — Seguramente não faremos como o senhor Roriz, que nada fez na área de saúde. Enfatizou-se os assentamentos (entre aspas). A dona Maria e o seu Antônio que ganharam seu lote honestamente terão todo o nosso apoio. O que entendemos é que a questão das invasões deve ser tratada com carinho.

Jair de Farias (TV Capital) — O que o senhor pretende fazer em termos de cursos profissionalizantes?

Carlos Saraiva — Esta pergunta dá margem para falar do serviço de saúde, que sofreu um sucateamento, e de Educação, hoje caótico. Vamos rever toda a rede de educação, inclusive a formal, mas dar prioridades para o estudo integral.

De candidato para candidato

Maurício Corrêa (para o candidato Carlos Saraiva). — Nós estivemos juntos na campanha do segundo turno das eleições presidenciais, apoiando o candidato do PT, Lula. O senhor apóia o Governo paralelo do PT e pretende implantá-lo no Buriti?

Carlos Saraiva — O grande adversário de todos nós é o presidente Fernando Collor, que embora legitimado pelas urnas, o fez em uma campanha que arregimentou as massas desinformadas. Uma campanha demagógica, mofada e antiética. Nós pretendemos reviver em Brasília a campanha memorável do segundo turno. O PT, na figura de seu líder nacional, Lula, implantou um governo paralelo e já está convidando os seus ministros. Mas o Buriti não será sede de um governo paralelo. O Buriti será a sede do governo do DF, da população do DF.

Comentário (Carlos Magno) — Fiquei muito contente com a afirmação do dr. Carlos Saraiva, porque se vislumbra duas zebras para o segundo turno. Ele assegura que vai para o segundo turno e nós também vamos, porque a população vai rechaçar um alienígena. Eu acredito que o dr. Saraiva vai honrar a sua palavra e não vai transformar o Buriti num governo paralelo. Não será bom para o DF hostilizar o presidente Fernando Collor.

Réplica (Maurício Corrêa) — O dr. Saraiva deu uma resposta à minha pergunta. Eu apenas discordo do seu comentário sobre a campanha à Presidência, porque depois do período de governos militares, foi a primeira vez que fizemos uma eleição e há de se respeitar não a pessoa de Fernando Collor, mas a instituição do Presidente da República. Não concordo com Fernando Collor, mas temos que conviver democraticamente.

Elmo Serejo (para o candidato Maurício Corrêa) — Quando foi implantada a Capital da República, a comissão se preocupou com o abastecimento de água. Como o senhor pretende, agora, resolver esse problema?

Maurício Corrêa — O senhor sabe que nós aprovamos, no Senado, uma verba de 200 milhões de dólares para duplicação da barragem do rio Descoberto. No entanto, o cronograma de obras não foi cumprido pelo candidato do presidente Fernando Collor e o GDF pagou 300 mil dólares por inadimplência. Aprovamos novos recursos

para água, mas o ex-governador fez Samambaia, um projeto personalista, para faturar, e não se preocupou com a infraestrutura. A solução para o problema de abastecimento é a bacia do rio Areias, porque o Lago Paranoá está poluído e o rio São Bartolomeu virou esgoto.

Comentário (Carlos Saraiva) — É um crime irreversível contra a comunidade. O ex-governador, ausente, criou um problema ambiental para o Distrito Federal. Os mananciais e o Lago estão poluídos. O dinheiro para depuração do Lago foi para não sei onde. A depuração do Lago é a coisa mais fácil. Basta utilizar as estações de tratamento Sul e Norte.

Réplica — (Elmo Serejo) — Fiquei satisfeito com a resposta que me foi dada pelo senador Maurício Corrêa. Ela prova um profundo conhecimento sobre o problema da água.

Adolfo Lopes (para o candidato Elmo Serejo) — O senhor foi o pior governo bônico do Distrito Federal. O senhor acha justo que depois de ter saído do DF volte agora, justamente às vésperas das eleições, para se candidatar?

Elmo Serejo — Os brasileiros têm direito a acesso a Brasília. A Brasília é de todos os brasileiros e brasilienses. Pelos amigos e pela comunidade que me respeita, tenho sido considerado um dos melhores governadores do DF. O senhor também se afastou do DF, quando foi secretário de Mato Grosso.

Comentário (Maurício Corrêa) — Embora tenha sido governador na época dos militares, o governador Elmo Serejo será julgado pelo povo. Eu devo ressaltar que a grande vantagem do governador Elmo Serejo é que ele não fez um governo demagógico, não teve intenção de faturar. Quem vai julgá-lo é o povo.

Réplica (Adolfo Lopes) — Eu demonstro a minha indignação contra a candidatura, através da pergunta. O governador Elmo Serejo não teve ânimo de permanecer aqui e retorna justamente agora, quando elegemos o primeiro governador. Nós que aqui ficamos, lutamos pelo desenvolvimento de Brasília.

Carlos Magno (para o candidato Elmo Serejo) — Taguatinga e Ceilândia foram organizadas em ordem alfabética. Após o seu governo, foram criados os setores "Q" e "P" em Ceilândia. O setor "K" de Taguatinga sempre foi esquecido. O que o senhor pretende

fazer pela área, nos setores de saúde e educação?

Elmo Serejo — Tenho credibilidade profunda no DF, pela grandiosidade da minha obra. De acordo com as disponibilidades orçamentárias — sabendo-se que os recursos são escassos e que vamos ter que lutar muito —, pretendo dar condições de desenvolvimento também a essa área.

Comentário (Maurício Corrêa) — O governador Elmo Serejo está levando pauladas de todos os lados. Mas o grande adversário de Brasília é o governador Joaquim Roriz, o candidato do ex-presidente Sarney e do presidente Collor. Pelo menos o governador Elmo Serejo tem o apoio somente do ex-presidente.

Réplica (Carlos Magno) — Eu sou funcionário público do GDF. Para os funcionários públicos o governador Elmo Serejo foi o pior que já passou pelo GDF. Provando o seu desconhecimento sobre Brasília, ele respondeu a uma pergunta a respeito de setor "K" de Taguatinga, que não existe.

Carlos Saraiva (para o candidato Maurício Corrêa) — O nosso grande adversário é o presidente Fernando Collor e seu representante, o governador Joaquim Roriz. Eu gostaria que o senhor explicasse como organizou sua coligação e porque negociou com partidos ligados à ditadura?

Maurício Corrêa — Como o senhor sabe, nós vínhamos em barcos comuns. A minha história se confunde com a resistência da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) com o badernaço. E o que afastou o PT e o PDT foram intrigas maldosas. O PDT não pretendia fazer coligações com partidos que não representassem nossas idéias, mas o diálogo é o início da democracia.

Comentário (Carlos Magno) — Quem conhece a batalha de Celso Brant sabe que o PMN (Partido da Mobilização Nacional) é de esquerda. Nós procuramos atingir o social e acabar com a sociedade de americanos e soviéticos. Estamos torcendo para que o senador Maurício Corrêa continue no Senado, onde ele é brilhante. Um grande político. Mas Brasília não precisa de governador e sim de administrador. Eu sou um administrador.

Réplica (Carlos Saraiva) — Não existe partido mais intrigado que o PT. Nós somos acusados de radicais. Por isso, somos imunes a qualquer intriga. Não fomos movidos pelas intrigas, mas pelos fatos, quando não nos coligamos ao PDT.